

No. S. 12061

Série de Notas sobre a Guerra

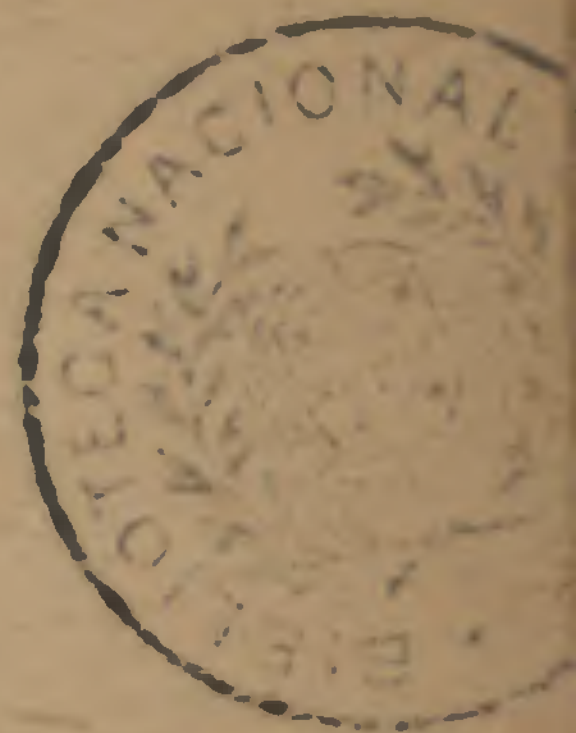
N.º 156

Col. 31

A força marítima vence

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUÁRIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918

A força marítima vence

POR

C. O. Penrose Fitzgerald

Almirante reformado

A força marítima deve ganhar e ganhará a vitória nesta grande guerra. Não digo isto por ser marítimo; nem é meramente uma profecia optimista com o fim de animar e consolar os que começam a estar cansados da guerra e descorçoados pela sua prolongação e a perspectiva ainda tão remota de paz. Esta minha afirmação funda-se no ensinamento indiscutível da história, fortalecido pela distribuição actual da força marítima do mundo.

Aqueles que dispõem do serviço das marinhas da Gran Bretanha e da America (sem falar da França, da Italia e do Japão) podem afoitamente proclamar o seguinte: «Nunca mais uma bandeira alemã fluctuará nos mares do mundo; nenhum alemão poderá jámais sair da Europa Central; nenhuns produtos tropicais ou semi-tropicais entrarão na Alemanha até que o Governo alemão queira aceitar as condições de paz — as mais rigorosas e exigentes — que nos aprouver ditar. E quando as ditarmos, tomaremos todas

as cautelas para que as garantias do seu cumprimento sejam seguras e não farrapos de papel.»

Esta pressão da força marítima obrigará a Alemanha a curvar-se; ganhará a vitória para os Aliados? A mim não me resta a minima duvida que assim será; assim como não duvido que o Kaiser e todos os seus satelites o sabem; tratantes são, porém não são tolos. Além disso, é essa convicção que explica a fanfarrice com que exigem a restituição das suas colonias tropicais, a exigencia de poderem introduzir os seus produtos fabricados onde lhes apraz sem restrições nem tarifas quaisquer, e o grito tão repetido de «nada de boycottage economico depois da guerra».

E' exactamente este boycottage economico, devidamente aplicado, pelo pleno exercicio da força marítima hoje nas mãos dos Aliados que finalmente ha de chamar á razão a Alemanha. E' a força que ela mais teme; para a frustrar ela combaterá emquanto puder. E por fim, estando vencida e não podendo já lutar, gritará ao ceu pedindo que a salve do boycottage economico. Com a sua fina hipocrisia, fará apelo aos bons sentimentos dos Aliados para que se abstenham dum acto tão cruel e tão iniquio como seria o castigo economico dum grande povo, altamente ilustrado, benéfico, progressivo e cavalheiroso que tem a missão divina de esclarecer e desenvolver moralmente não só a Europa como o mundo todo. O attributo da misericordia não se força: a Alemanha terá jus á misericordia — a misericordia que ela exerceu na Belgica

e nos territorios occupados ao norte da França. Nem mais, nem menos.

Perguntar-se-ha sem duvida se não será possível que a Alemanha exista e progrida como grande potencia mesmo estando privada de todo o acesso aos productos tropicais e semi-tropicais; numa palavra, se lhe não será possível obter tudo quanto precisa da Russia e das outras terras que conquistou, incluindo necessariamente a Turquia. Eis o ponto principal do problema. Da resposta dependerá a capacidade ou incapacidade da força maritima de ganhar a vitoria. A Russia não pode fornecer materias primas nem mesmo semi-tropicais e a Turquia está sendo constantemente destituída das suas possessões semi-tropicais as quais, em todo o caso, nunca poderiam oferecer nem cinco por cento das necessidades da Alemanha. Poderá a Alemanha atingir o alto mar por via da Russia conquistada, da Siberia e de Vladivostok? de certo que não. O Japão o impedirá. O Japão não consentirá que de novo o punho de ferro e o agente comercial da Alemanha venham intrometer-se na sua esfera. De modo que se pode considerar como tendo sido um completo fiasco a grande empreza oriental da qual o Kaiser encarregou ha 20 anos seu irmão; nem é possível que se renove tão cedo. A força maritima proíbi-lo-ha. A perda de Kiau Chau deve ter causado amarguras de boca ao Principe Henrique. Grande foi o seu triunfo e o seu jubilo ao receber em compensação do pertenso assassinio de dois missionarios alemães um porto magnifico e uma

grande extensão de territorio. Porém não percamos de vista a questão principal, a saber: Poderá a Alemanha vir a ser uma potencia grande, rica e comercial não tendo os meios de acesso ás materias primas que só os paizes tropicais produzem? Sem entrarmos nos pormenores de todas as materias primas que veem dos tropicos e que por tanto devem atravessar o mar para chegar á Alemanha e que são em graus diferentes essenciaes ás suas industrias; sem examinarmos os productos de luxo como chá, cacau e café, para os quais se teem encontrado substitutos, consideremos tres das mais importantes comodidades que só nos tropicos se produzem: azeite de palma, borracha e algodão. Haverá na Europa continental substitutos para esses generos? Consta que na Alemanha se tem fabricado borracha synthetica. Nesse caso será possivel, ainda que não seja provavel, que ela possa passar sem importar a borracha. Poderá tambem fazer azeite synthetico? Afirma-se que nenhum paiz pode ter uma industria importante sem possuir uma abundancia de oleos vegetais. Porém mesmo se a Alemanha puder cultivar ou obrigar os seus escravos vencidos a cultivarem além das subsistencias de que carece, as sementes oleaginosas precisas, que fará ella com os seus productos industriais emquanto estiver impossibilitada de se utilizar dos caminhos maritimos? Serão a Russia arruinada e a Turquia empobrecida que lhe hão de comprar as mercadorias?

Ha alguns anos antes de precipitar a Europa na catastrophe actual, o Kaiser annunciou em lin-

guagem pomposa a todos a quem pudesse interessar que o futuro da Alemanha era no mar. Começou então a trabalhar com anciedade febril para construir uma grande armada de guerra que rivalisasse com a da Inglaterra e, mesmo que não atigisse a força da armada da maior potencia maritima, esta — com grandes possessões a defender em muitos mares — ver-se-hia obrigada a dispersar de tal maneira as suas forças que a armada alemã por um ataque repentino poderia obter o comando dos mares estreitos pelo menos temporariamente o que lhe permitiria apoiar uma invasão ou qualquer outra estrategia militar que o Estado Maior Geral resolvesse adoptar. Antes mesmo do Kaiser ter iniciado a sua poderosa armada de guerra, duas companhias alemãs possuíam uma magnifica armada mercante, tanto para passageiros como para carga, que rivalisava com os melhores navios das outras potencias e que sulcava os mares em todas as direcções. Sem estorvo esses luxuosos palacios fluctuantes inundaram dos productos industriais da Alemanha todos os continentes e todas as ilhas de todas as nações que os podiam pagar. Não só gozavam de liberdade absoluta nos altos mares, mas tambem lhe eram franqueados os portos e os mercados dos seus proprios concorrentes comerciais — mercados que se tinham estabelecido 50 anos antes de aparecer no Oceano o primeiro navio alemão.

Liberdade dos mares! A Alemanha tinha sem restricção toda a liberdade dos mares. O que desejava ela então mais? Seria a feia inveja que

lhe roía as entranhas ao ver fluctuar a bandeira britanica em Gibraltar, Malta, Aden, Singapura, Hongkong e outras possessões e portos carvoeiros britannicos onde os navios alemães se forneciam com o melhor carvão gaulez e nas mesmas condições que os navios inglezes? Não resta duvida, era a inveja de combinação com a ancia insaciavel de dominar o mundo, tanto no mar como em terra. Só a inveja e a cobiça desenfreada podiam fazer com que a Alemanha se sentisse descontente com as condições que lhe permitiam desenvolver tão rapidamente a sua marinha mercante e que lhe conferiram a liberdade de negociar com todas as nações em todos os mares. Da Inglaterra em particular — como já fica indicado — recebia hospitalidade plena em todos os seus portos carvoeiros e em todas as suas colonias e isto não obstante ser a Alemanha o seu principal concorrente no commercio economico e, favorecida pelos subsidios do Governo alemão, reduzir as tarifas a um ponto prejudicial ao nosso commercio.

E como retribuiu a Alemanha a nossa hospitalidade? Darei um exemplo que é da minha propria experiencia. Hongkong é uma colonia britanica e porto franco para todas as navegações. E' o grande entreposto do importante commercio da China meridional; este commercio está, ha perto de um seculo, nas mãos dos negociantes inglezes. Pelos fins do seculo dezanove, começaram alguns negociantes alemães a fazer concorrência nesse negocio; servia-lhes Hongkong de centro e ali gozavam até ao maximo da

protecção naval e militar da Gran Bretanha. A colonia alemã de Hongkong tinha o seu club, abastado, florescente e exclusivamente alemão, onde os negociantes alemães faziam os seus projectos para privar os commerciantes inglezes do mercado da China meridional que até ali tinham dominado. Tudo é licito na luta commercial. Assim será; contudo as nações civilisadas respeitam geralmente os direitos sagrados da hospitalidade. As tribus nomadas e selvagens assim o entendem. Porém não o entenderam assim os alemães que recebiam a nossa hospitalidade em Hongkong. Falo do que vi. Em dezembro de 1899, foi derrotado pelos boers em frente de Colenso o general Buller. Perdeu duas baterias de peças de campanha e foi durante a tentativa para as salvar que o filho unico de Lord Roberts perdeu a vida. Ao chegar a noticia do desastre o club alemão de Hongkong deu um banquete. O edificio foi illuminado a côres e os estrondosos gritos de triumpho ecoaram na sala do banquete.

No exercicio da força maritima ha outro ponto que será bom examinar. Tem-se dito que se a Inglaterra e os seus Aliados mantiverem o dominio no mar — isto é, na superficie do mar — e impedirem a Alemanha de se utilizar da superficie das aguas durante um certo numero de anos como castigo condigno aos seus muitos e horrriveis crimes maritimos, ainda poderia ter um negocio valioso debaixo das aguas por meio dos seus submarinos. Isto, porém, é pura illusão e prova ignorancia dos principios fundamentaes da construcção naval. O submarino nunca poderá

ter exito comercial como transporte de mercadorias, pois que, primeiro que possa receber carga tem de estar quasi completamente submergido. Além disso é muito dispendiosa a construção do submarino e pouco espaço pode ter para carga; nunca poderá lutar nem com o mais insignificante barco fluctuante. A viagem dum submarino comercial alemão para a America foi só para deitar poeira aos olhos; ninguem se iludiu, os americanos menos que ninguem. O submarino é essencialmente uma arma de destruição, arma propria do assassino covarde.

Tomei como titulo, *A força maritima vence*, e noto com satisfação que este ponto de vista vem confirmado por um illustre official naval dos Estados Unidos, o almirante Sims, que falando ultimamente na Liga Naval, disse: «Esta guerra decidir-se-ha pela força maritima. A Russia desapareceu. Se a Italia fosse vencida e a gloriosa França devastada, restavam ainda a Gran Bretanha e as suas colonias, e nós os americanos — combinação que não pode ser vencida.»

Segundo o *Vorwaerts*, nos debates do Reichstag sobre o orçamento naval, Herr Kapp, deputado conservador, disse: «Em vista do grande successo que teem tido os nossos submarinos não devemos permitir que, ao concluir-se a paz, se aceite, por efeito de regulamentos internacionais, qualquer restrição ao emprego de submarinos. Carecemos desta arma para manter a força maritima da Alemanha. O desaparecimento da bandeira britanica é o principal fito da nossa guerra submarina.»